

Metodologias Ativas no Ensino da Geografia



Organizadores

Tatiana Rolim Soares Ribeiro

Ruth Elias de Paula Laranja

Marciléia Oliveira Bispo

Rafael Rodrigues da Franca



caliandra

Metodologias Ativas no Ensino da Geografia

Organizadores:

Tatiana Rolim Soares Ribeiro

Ruth Elias de Paula Laranja

Marciléia Oliveira Bispo

Rafael Rodrigues da Franca





Conselho Editorial

Membros internos:

Presidente - Prof. Dr. Bruno Leal Pastor de Carvalho (HIS/UnB)
Prof. Dr. Herivelto Pereira de Souza (FIL/UnB)
Profª Drª Maria Lucia Lopes da Silva (SER/UnB)
Prof. Drª Ruth Elias de Paula Laranja (GEA/UnB)

Membros externos:

Profª Drª Ângela Santana do Amaral (UFPE)
Profª Drª Joana Maria Pedro (UFSC)
Profª Drª Marine Pereira (UFABC)
Prof. Dr. Ricardo Nogueira (UFAM)

Membro internacionais:

Prof. Dr. Fernando Quiles García (Universidad Pablo de Olavide - Espanha);
Profª Drª Ilía Alvarado-Sizzo (Universidad Autonoma de México)
Profª Drª Paula Vidal Molina (Universidad de Chile)
Prof. Dr. Peter Dews (University of Essex - Reino Unido)

© 2024 [detentor dos direitos autorais].

Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives
4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0)

A total responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens dessa obra pertence ao autor.

[1ª edição]

Elaboração e informações

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Geografia

Campus Universitário Darcy Ribeiro, ICC Norte, Bloco B, Mezanino, CEP: 70.910-900, Brasília-DF, Brasil

Contato: (61) 3107-7364

Site: <https://caliandra.ich.unb.br/>

E-mail: caliandra@unb.br

Autores:

Adão Francisco de Oliveira; Carliane Alves da Silva; Davi Leite dos Santos; Carolina Machado Rocha Busch Pereira; Gildásia Pereira da Costa Borges; Juanice Pereira Santos Silva; Lucas Barbosa e Souza; Marcela Antonieta Souza da Silva; Mariléia Oliveira Bispo; Matheus Henrique Pereira da Silva; Milena Tayamara Gomes da Silva; Nasicmento Marques de Miranda; Raedy Ferreira da Silva; Rafael Rodrigues da Franca; Roberto de Souza Santos; Roselir de Oliveira Nascimento; Ruth Elias de Paula Laranja; Sâmia Mariana Araújo da Silva; Tatiana Rolim Soares Ribeiro;

Organizadores:

Tatiana Rolim Soares Ribeiro; Ruth Elias de Paula Laranja; Mariléia Oliveira Bispo; Rafael Rodrigues da Franca

Título: Metodologias Ativas no Ensino da Geografia

Coleção: Ensino de Geografia

Local: Brasília

Editor: Selo Calianandra

Ano: 2024

Equipe Técnica

Parecerista: Fernando Luiz Araujo Sobrinho

Capa: Tatiana Rolim Soares Ribeiro

Diagramação: Luiz Henrique de Souza Cella

Ficha Catalográfica:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

M593

Metodologias ativas no ensino da geografia
[recurso eletrônico] / organizadores: Tatiana
Rolim Soares Ribeiro ... [et al.]. - Brasília :
Universidade de Brasília, Departamento de
Geografia, 2024.
295 p. : il.

Inclui bibliografia.

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://caliandra.ich.unb.br/>>.

ISBN 978-65-985460-0-7.

1. Geografia - Estudo e ensino. 2. Aprendizagem
ativa. I. Ribeiro, Tatiana Rolim Soares (org.).

CDU 37:910.1

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....

12

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO RURAL
E URBANO.....

14

A RELEVÂNCIA DO OLHAR GEOGRÁFICO PARA AS
METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DA
GEOGRAFIA FÍSICA.....

41

ESTÁGIO SUPERVISIONADO:
A IMPORTÂNCIA DO PRIMEIRO ENCONTRO
COM A SALA DE AULA E A FORMAÇÃO
DOCENTE INICIAL.....

67

AS AULAS DE CAMPO NO ZOOLOGICO COMO
FERRAMENTA PARA O ENSINO DE
BIOGEOGRAFIA NO ENSINO BÁSICO.....
105

A FRAGILIDADE DA EDUCAÇÃO ESCOLAR
QUILOMBOLA NO ENSINO DE GEOGRAFIA
NO ENSINO FUNDAMENTAL II
EM ARAGUATINS (TO).....
128

A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DE PROFESSORES
DA ESCOLA MUNICIPAL BEATRIZ
RODRIGUES DA SILVA, PALMAS (TO):
SUBSÍDIOS PARA UMA EDUCAÇÃO
AMBIENTAL CRÍTICA.....
157

DAS DINÂMICAS SOCIOTERRITORIAIS NAS
CIDADES AO DESENVOLVIMENTO REGIONAL DO
TERRITÓRIO: TRAJETÓRIA DE UM ITINERÁRIO
FORMATIVO NO PPGG-UFT.....
189

ENSINO DE GEOGRAFIA DA ÁFRICA:
DESAFIOS, LINGUAGENS E METODOLOGIAS
NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA.....

216

MODELOS 3D NO ENSINO DO RELEVO:
INOVAÇÃO DIDÁTICA ATRAVÉS DA
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.....

247

SOBRE OS AUTORES

285

ENSINO DE GEOGRAFIA DA ÁFRICA: DESAFIOS, LINGUAGENS E METODOLOGIAS NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Matheus Henrique Pereira da Silva
Marciléia Oliveira Bispo

Abordagens iniciais no ensino de geografia da África

A África é um continente extenso e diversificado, abrangendo uma ampla variedade de características econômicas, sociais, políticas e culturais. No entanto, essa riqueza de diversidade muitas vezes não é devidamente percebida pelos alunos na educação básica. Enfrentando desafios no ensino da Geografia da África, é essencial reexaminar as representações convencionais deste continente, compreendendo os elementos que compõem seu

espaço geográfico. De certa forma, notamos que ainda há desafios na compreensão dos conteúdos de Geografia do continente africano. Isso se deve ao fato de que “no Brasil, existe uma precariedade na educação geográfica e cartográfica em relação aos aspectos afro-brasileiros nas escolas” (ANJOS, 2015).

Neste estudo, os objetivos centram-se na análise dos desafios enfrentados no âmbito do ensino de Geografia, com ênfase no estabelecimento de uma educação geográfica antirracista para a África, com base nas concepções teóricas apresentadas por Silva (2023) em sua dissertação intitulada “A Alfabetização Cartográfica como subsídio ao Ensino da Geografia da África no Centro de Ensino em Período Integral Dona Gercina Borges Teixeira em Porangatu-GO”⁵. Este trabalho propõe explorar as diferentes linguagens e metodologias como abordagens para promover um melhor entendimento dos conteúdos de Geografia da África.

A abordagem do continente africano nas aulas de Geografia se apresenta como um desafio notável, devido às dificuldades persistentes na compreensão desses temas. Consequentemente, é de suma importância aprofundar a discussão acerca do ensino específico da Geografia da África, uma vez que, como destacado por Anjos (2005), com frequência, observamos a ausência de estudo em relação à África. Isso nos faz identificar uma

5 Dissertação orientada pela professora Dra. Mariléia Oliveira Bispo, através dos Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Tocantins - Campus Porto Nacional, no ano de 2023.

contradição fundamental dentro do sistema educacional, pois a África, que é considerada o local de origem dos ancestrais humanos, deveria ser a prioridade do ensino.

Deste modo, torna-se necessário trabalhar com os conteúdos de Geografia da África no ambiente escolar, pois, “é importante debater o enfoque dado ao tema África em sala de aula sob esse viés, uma vez que, sua história se encontra diretamente ligada à história da população negra no Brasil e do desenvolvimento mundial da humanidade”. (MORAIS; JUNIOR, 2020). Em conformidade com as concepções de Santos (2009, p. 13), é notória a necessidade de “rever práticas e posturas, rever conceitos e paradigmas, no sentido da construção de uma educação anti-racista, uma educação para a diversidade e para a igualdade racial”. Com base nesse princípio, propomos iniciar uma discussão crítica e reflexiva, com o intuito de fomentar uma nova abordagem aos aspectos geográficos do continente africano.

Apresentamos, portanto, as seguintes questões a serem discutidas: Qual é a relevância do ensino da Geografia da África? De que forma o uso das diferentes linguagens e metodologias podem melhorar o ensino de Geografia do continente africano? Até que ponto as estratégias didáticas voltadas para o ensino da Geografia da África podem enriquecer a Educação Geográfica?

Revisitando o ensino de geografia da África: desafios e novas perspectivas

Para iniciar este tópico, tomamos como ponto de partida o conteúdo da Lei nº 10.639/03, que cita na íntegra: “altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências” (BRASIL, 2003). Essa legislação constitui a base primordial para a abordagem da temática afro-brasileira na educação. Conforme aponta Ferracini (2012, p. 172) “a Lei 10.639/03 busca incentivar a realização de projetos, a divulgação por diferentes meios e a participação dos africanos e seus descendentes na educação, entre os diferentes temas, em suma: outro olhar sobre o continente africano”.

Neste contexto, é de suma importância que os educadores adquiram um entendimento e demonstrem proficiência na implementação da legislação, a fim de fomentar o desenvolvimento das relações étnico-raciais nas instituições de ensino. Isso se torna essencial devido à determinação estabelecida por esta norma que estipula que “nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, tanto públicos quanto privados, é de caráter obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira”. (BRASIL, 2004, p. 35).

À vista disso, fica claro que o estudo e a aplicação da lei 10.639/03 desempenham uma tarefa fundamental na compreensão da formação do espaço geográfico africano e de suas influências no contexto brasileiro, conforme ressaltado por Silva (2021), existe a necessidade de promover um debate sobre os aspectos que envolvem o espaço geográfico africano, o que exige uma constante atualização de leituras e uma preparação adequada por parte dos docentes para efetivamente transmitir o conhecimento cartográfico em sala de aula. Além disso, é importante considerar não apenas a importância da lei 10.639, mas também o papel da cartografia como uma ferramenta significativa na reformulação do ensino de Geografia da África.

Em 10 de março de 2008 foi promulgada a lei 11.645 que “altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. (BRASIL, 2008). Nessa conjuntura, “em termos gerais, que é urgente a regulamentação das Leis nº 10,639/03 e nº 11.645/08 no âmbito de estados, municípios e Distrito Federal e a inclusão da temática no Plano Nacional de Educação (PNE)”. (BRASIL, 2013, p. 21).

Estudar a Geografia da África nos desafia a aprofundar nossa compreensão, com uma ênfase especial nos trabalhos de autores significativos. Dentre as obras e textos relevantes, destacam-se “Superando o Racismo

na Escola”, organizado por Munanga (2005), a “Coleção História Geral da África” produzida pela UNESCO, “Rediscutindo o Ensino de Geografia: Temas da Lei 10.639” de Santos (2009), “As geografias oficial e invisível do Brasil: algumas referências” de Anjos (2015), e ‘Dialogando Geografia Acadêmica e Escolar: O Caso do Continente Africano’ de Ferracini (2012), entre outros.

Um documento importante para pensar o ensino de Geografia do continente africano são as DCNs (Diretrizes Curriculares Nacionais) de 2018, fruto da colaboração entre o Ministério da Educação e a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Essas diretrizes têm a competência de disseminar informações importantes e aspectos legais relacionados à Educação das Relações Étnico-Raciais, bem como ao Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Essas diretrizes foram homologadas em 18 de maio de 2004, conforme o Parecer 03/2004, datado de 10 de março, aprovado pelo Conselho Pleno do CNE (Conselho Nacional de Educação). (BRASIL, 2004)

Um outro documento de relevância é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de (2018). A BNCC é um instrumento normativo que se fundamenta no progresso dos alunos ao longo das diferentes etapas e modalidades da educação básica, abrangendo um conjunto articulado e contínuo de aprendizagens fundamentais. Esse documento desempenha um papel essencial na orientação das políticas e ações educacionais em âmbito federal, es-

tadual e municipal, e serve como referência nacional para a elaboração dos currículos das instituições de ensino, sejam elas públicas ou privadas.

Vale salientar que o tratamento da temática africana na educação se concentra predominantemente em uma série específica no final do ensino fundamental. De acordo com a análise de Silva (2023), realizada a partir da Base Nacional Comum Curricular de 2018 e do Documento Curricular para Goiás – Ampliado de 2018, observa-se que as discussões sobre a Geografia da África se limitam principalmente ao 8º ano do ensino fundamental. Além de tudo, é notável que muitas vezes esses tópicos são abordados em conjunto com o continente americano, sem estabelecer conexões significativas entre África, Europa e Brasil/América. Essa concentração temática em uma série única realça a lacuna existente nos demais níveis da educação básica, o que potencialmente gera a problemática de abordar a geografia africana apenas no 8º ano.

Para concluir este tópico, é essencial revisitar as principais diretrizes que orientam o ensino das Relações Étnico-Raciais e da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, incluindo as Diretrizes Curriculares Nacionais de 2004, a Base Nacional Comum Curricular de 2018, juntamente com a Lei nº 10.639 de 2003 e a Lei nº 10.645 de 2008. Essa revisão é fundamental para repensar as estratégias de abordagem dos conteúdos de Geografia relacionados ao continente africano, bem como os conceitos e categorias-chave dessa disciplina.

Linguagens e metodologias no ensino de geografia da África

Neste tópico, propomos apresentar estratégias de ensino voltadas para o ensino da Geografia da África. Por meio desta investigação, buscamos aprofundar nossa compreensão a fim de tornar os conteúdos geográficos do continente africano mais atrativos. Para alcançar os objetivos, adotamos uma variedade de linguagens e metodologias, incluindo o mapa, o Jogo das Paisagens Africanas, o Jogo do Alfabeto Cartográfico, o Concurso de Desenhos de Mapas, a música e o Jogo da Memória.

Salienta-se que parte dessas linguagens foram aplicadas na dissertação de Silva (2023) por meio da “Proposta Metodológica de Alfabetização Cartográfica para o Ensino de Geografia da África”, a qual resultou em resultados relevantes que contribuíram de forma significativa para a transformação da experiência de aprendizado, permitindo uma abordagem mais ampla do continente africano. Essa abordagem exibiu aspectos econômicos, culturais, físicos e políticos da África, bem como as relações com a formação da sociedade brasileira. Através da alfabetização cartográfica, os alunos tiveram a oportunidade de interagir com diversos instrumentos cartográficos, como mapas, jogos e softwares, participando ativamente de atividades que promoveram o raciocínio geográfico e o pensamento espacial, ampliando suas perspectivas sobre a África.

O mapa como uma linguagem

Com relação ao uso de mapas no ensino da Geografia da África, fica claro que tais representações cartográficas são de extrema importância no ambiente educacional, pois constituem recursos essenciais nas aulas de Geografia e devem ser abordadas de modo a enriquecer a aprendizagem dos estudantes. (FERRACINI; SILVA, 2022). No mais, o mapa é uma ferramenta indispensável e pode ser considerado um instrumento que facilita a compreensão das informações acerca do continente africano.

De acordo com Anjos (2017), os mapas constituem representações visuais do mundo real e desempenham um papel fundamental na interpretação e leitura do território. Eles eficazmente revelam a territorialidade das construções sociais e características naturais do espaço, tornando-se, assim, meios essenciais para transmitir informações acerca de eventos geográficos e dos conflitos associados a eles.

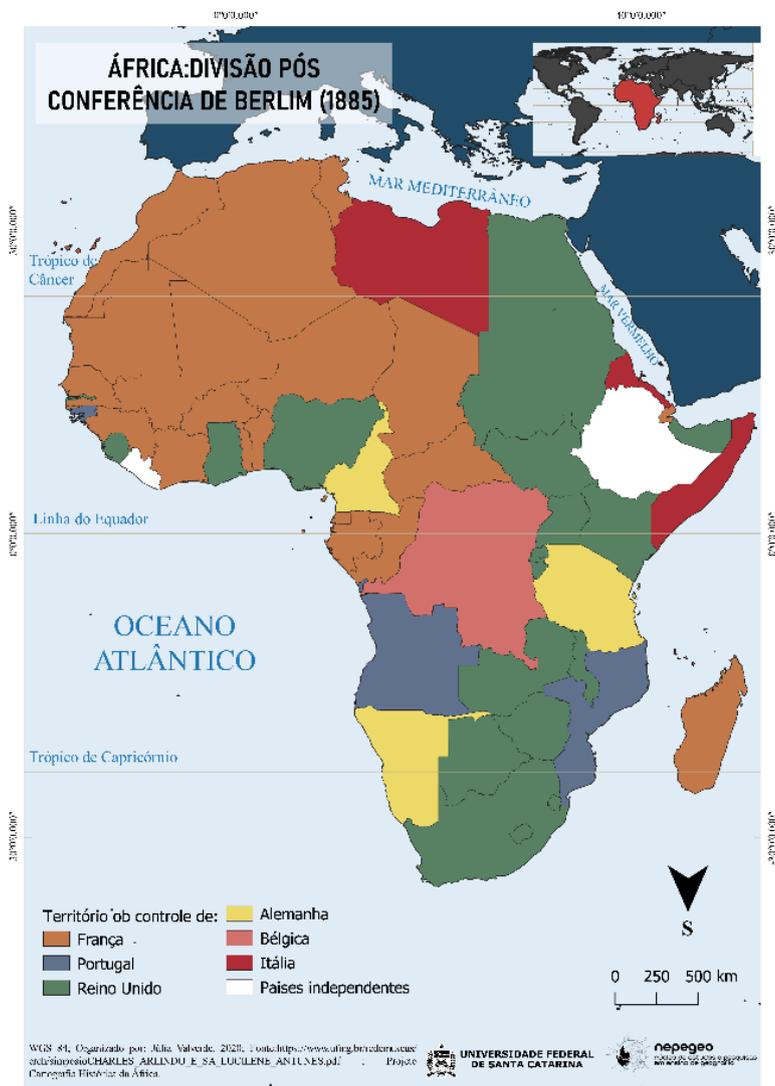
Para o entendimento das informações geográficas e cartográficas da África torna-se considerável que os alunos executem a leitura e interpretação do mapa. Conforme aponta Almeida e Passini (2010, p. 17):

Inicia-se uma leitura pela observação do título. Temos que saber qual o espaço representado, seus limites, suas informações. Depois é preciso observar a legenda ou a decodificação propria-

mente dita, relacionando os significantes e o significado dos signos relacionados na legenda. É preciso também se fazer uma leitura dos significantes/significados espalhados no mapa e procurar refletir sobre a distribuição e organização. Observar também a escala gráfica ou numérica acusada no mapa para posterior cálculo das distâncias a fim de se estabelecer comparações ou interpretações.

Considerando as perspectivas apresentadas por Almeida e Passini (2010), procederemos com uma avaliação cartográfica, tomando como referência o mapa intitulado “Divisão Pós Conferência De Berlim (1885).” A representação visual correspondente pode ser observada na figura subsequente.

Figura 01: Legenda solicitada ao autor



Realizando uma análise do mapa mencionado, o primeiro elemento a ser examinado refere-se ao seu título-

lo, o qual delimita o recorte espacial como a “África Pós-Conferência de Berlim” e estabelece o ano de 1885 como o marco temporal.

Em seguida, é essencial direcionar a atenção para a legenda, conforme Guerreiro (2012) observou, uma vez que desempenha um papel fundamental na interpretação do mapa, elucidando os significados dos pontos, linhas, texturas e/ou cores empregados na elaboração do documento cartográfico. É importante destacar que a configuração da legenda pode variar de acordo com a tipologia do mapa, abrangendo aspectos quantitativos, qualitativos e de fluxos.

No mapa sob análise, a legenda é representada por meio da variável visual da cor, na qual diferentes cores correspondem aos territórios controlados por países específicos, a saber, França, Portugal, Reino Unido, Alemanha, Bélgica, Itália e territórios independentes.

Outro elemento a ser analisado é a escala do mapa. Com relação a isso, Shäffer *et al.* (2011, p. 89) afirmam que “a escala é fundamental para verificarmos o quanto um desenho foi reduzido ou ampliado, isto é, o quanto está diferente do tamanho real”.

Portanto, é possível distinguir entre dois tipos de escalas, a escala gráfica e a escala numérica. A escala gráfica permite a realização de cálculos e medições diretamente no mapa, geralmente sendo representada por uma régua que indica a unidade de medida, como metros

(m) ou quilômetros (Km). Por outro lado, a escala numérica refere-se à relação proporcional entre o tamanho do espaço ou área real e a representação cartográfica. Isso é exemplificado pela estrutura a seguir: (Numerador = 1cm / Denominador 100.000 cm ou 1Km), o que resulta na representação da escala 1:100 000 (lê-se um para cem mil) (GUERRERO, 2012).

Ao fazer referência ao mapa examinado em nossa pesquisa, observa-se que se trata de uma escala gráfica, onde cada centímetro no mapa representa 250 quilômetros, ou seja, 1 centímetro equivale a 250 quilômetros.

No entanto, é possível discernir vários elementos, como a clara demonstração da notável influência do continente europeu sobre o continente africano. Além disso, percebe-se que, durante esse período, a França e o Reino Unido exerciam um controle mais amplo sobre diversas áreas do território africano. É importante salientar que a análise e interpretação desse mapa não se limitam a esses elementos específicos. De acordo com Simielli (1999), existem três níveis essenciais para a compreensão do mapa: localização e análise, correlação e síntese. Para facilitar a compreensão, é fundamental que o professor empregue outros mapas, promovendo a correlação das informações cartográficas.

Jogo das Paisagens Africanas

O “Jogo das Paisagens Africanas” foi elaborado por Silva (2023) através do software PowerPoint, e contou

com a exibição de imagens que representou várias localidades do mundo. Para auxiliar os alunos na identificação das regiões retratadas, um mapa-múndi foi exibido no quadro da sala de aula, proporcionando uma referência global e ajudando na correlação das imagens com os continentes. Desta forma, “a África como paisagem é produto da história natural definida por eventos geológicos, geomorfológicos, hidrográficos, climáticos e vegetacionais [...]” SUERTEGARAY, 2001 apud (MORAIS; LAUREANO; JUNIOR, 2019).

A atividade foi realizada com os estudantes do 8º ano “C” da escola CEPI Dona Gercina Borges Teixeira. Para tornar a atividade mais envolvente, a turma foi dividida em dois grupos, constituídos por alunos de ambos os sexos, fomentando uma competição. Posteriormente, foram exibidas vinte e quatro imagens que representavam diferentes localidades ao redor do mundo (SILVA, 2023).

Figura 02: Sequências de imagens do jogo das paisagens africanas⁶

Imagens correspondentes ao Jogo das Paisagens Africanas		
Imagem 01	Animal – girafa	Continente Africano
Imagem 02	Animal – Leopardo	Continente Africano
Imagem 03	Floresta do Congo	Continente Africano
Imagem 04	Savana africana	Continente Africano
Imagem 05	Deserto do Saara	Continente Africano
Imagem 06	Cidade na África do Sul	Continente Africano
Imagem 07	Cidade do Cairo no Egito	Continente Africano
Imagem 08	Estudante no Zimbábue	Continente Africano
Imagem 09	Pedestres na África do Sul	Continente Africano
Imagem 10	Pirâmides no Egito	Continente Africano
Imagem 11	Povos Zulu na África	Continente Africano
Imagem 12	Povos Samburu no Quênia	Continente Africano
Imagem 13	Povos San no continente africano	Continente Africano
Imagem 14	Lavouras em Angola	Continente Africano
Imagem 15	Universitários na África	Continente Africano
Imagem 16	Onça pintada na América	Continente Americano
Imagem 17	Floresta Amazônica no Brasil	Continente Americano
Imagem 18	Deserto do Atacama no Chile	Continente Americano
Imagem 19	Cerrado no Brasil	Continente Americano
Imagem 20	Estudantes em Cuba	Continente Americano
Imagem 21	Ruas em Salvador - BA	Continente Americano
Imagem 22	Povos Pataxó na América	Continente Americano
Imagem 23	Estudantes na Universidade de São Paulo	Continente Americano
Imagem 24	Ilha de Madagascar na África	Continente Africano

Fonte: Adaptado, Silva (2023)

6 A ideia do jogo parte de uma sugestão feita pelos palestrantes da oficina pedagógica “Práticas para o ensino de Geografia da África”, professor Lindberg Nascimento Junior, acadêmicos Jonny Alan Moraes e Julia Gabriela Valverde Laureano, no XVIII ENSIGEO, promovido pelo Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Londrina/UEL. (SILVA, 2023, p. 82).

Os estudantes do CEPI participaram da atividade de forma ativa e no decorrer da proposta houve muitas problematizações acerca da análise das paisagens. Algumas imagens despertaram mais dúvidas e comentários, como a imagem 03, que representava a “Floresta do Congo” e gerou questionamentos devido às suas semelhanças com a Floresta Amazônica. Outra imagem que provocou discussões foi a imagem 06, retratando uma “Cidade na África do Sul”, deixando os participantes surpresos, já que muitos não sabiam que a África possui áreas litorâneas. A imagem 14, mostrando “Lavouras em Angola”, também gerou questionamentos, uma vez que os participantes geralmente associavam a agricultura mais ao Brasil. Por último, a imagem 24, representando a “Ilha de Madagascar”, suscitou comentários dos alunos, que acreditaram se tratar de qualquer lugar no mundo, exceto na África. Eles chegaram à conclusão de que a imagem se assemelhava às praias do Caribe na América e ficaram surpresos ao descobrir que representava uma localidade africana. (SILVA, 2023).

Após a conclusão da partida, uma análise crítica foi realizada, promovendo uma discussão aprofundada sobre o continente africano, e todas as imagens que foram apresentadas foram revisitadas, com o intuito de contextualizar os ambientes retratados.

Jogo do Alfabeto Cartográfico

O alfabeto cartográfico representa um dos componentes essenciais no contexto da alfabetização cartográfica, conforme destacado por Simielli (1994). A alfabetização cartográfica, envolve múltiplos elementos que incluem a visão oblíqua e vertical, a compreensão de imagens bidimensionais e tridimensionais, o alfabeto cartográfico (abordando pontos, linhas e áreas), a construção da noção de legenda, a consideração de proporção e escala, bem como a compreensão de lateralidade, referenciais e orientações geográficas.

O jogo foi produzido com atenção ao alfabeto cartográfico levando em consideração o ponto, a linha e a área. No estudo realizado por Carvalho e Araújo (2008), enfatiza-se a significância das implantações pontuais no contexto cartográfico. Os autores destacam que o ponto é considerado a primitiva básica em qualquer representação cartográfica, com a capacidade de assumir diversas características, tais como variações de forma, tamanho, cor, tonalidade e especificidades temáticas. Esta versatilidade permite que os fenômenos ou ocorrências espaciais relacionadas a um local sejam adequadamente representados por meio de pontos no mapa.

Em relação à aplicação da representação linear, conforme salientado por Guerrero (2012) esta técnica gráfica é empregada para a visualização de elementos contínuos que permeiam a paisagem, tais como vias urbanas, estradas, ferrovias, cursos d'água, limites adminis-

trativos, propriedades, informações altimétricas e dados meteorológicos como temperatura, precipitação e pressão atmosférica.

Por outro lado, a delimitação de zonas ou áreas pode ser expressa por meio de formas geométricas regulares ou polígonos de configurações irregulares, onde o espaço é definido pelo fechamento das fronteiras. Isso significa que pode ser aplicado para representar elementos como bacias hidrográficas, características topográficas, tipos de vegetação, densidades populacionais, índices e uma ampla gama de temas que podem ser visualizados por meio do preenchimento de regiões delimitadas. (CARVALHO; ARAÚJO, 2008).

O Jogo do Alfabeto Cartográfico, desenvolvido com o propósito de promover o aprimoramento do pensamento geográfico da África, envolveu a tarefa de discernir as modalidades de representação geográfica, notadamente as implantações pontuais, lineares e zonais, por parte dos alunos. Para efetivar esta dinâmica, a turma foi novamente dividida em dois grupos, com base em critérios de gênero, compreendendo tanto estudantes do sexo masculino quanto feminino.

Os mapas que abordam variados aspectos da geografia da África foram projetados e exibidos por meio de uma projeção realizada em Datashow. Cada grupo procedeu à escolha de um mapa, desafiando os adversários a determinar o tipo de representação geográfica utilizada.

A sequência total contemplou vinte mapas, cada um deles explorando distintos tópicos relativos ao continente africano. (SILVA, 2023)

Na figura a seguir são apresentados os tipos de mapas utilizados para subsidiar a execução do jogo.

Figura 03: Sequência de mapas utilizados no jogo do alfabeto cartográfico⁷

Numeração	Título do Mapa	Modo de Implantação
Mapa 1	Pangeia	Área
Mapa 2	África – Localização	Área
Mapa 3	África Hipsométrico	Área
Mapa 4	África: Classificação Climática de Koppen-Geiger	Área
Mapa 5	África: Classificação Climática de Koppen-Geiger + Correntes oceânicas	Área e linha
Mapa 6	África: Formação Geológica	Área
Mapa 7	África: Hidrográfico	Linha
Mapa 8	África: Pedológico	Área
Mapa 9	África: Unidades Naturais de paisagens	Área
Mapa 10	África: Diversidade Étnica	Área
Mapa 11	África: Grandes Reinos e Agrupamentos Humanos – 1 E. C.	Área
Mapa 12	África: Grandes Reinos e Agrupamentos Humanos – 1400 E. C.	Área
Mapa 13	África: Grandes Reinos e Agrupamentos Humanos – 1500 E. C.	Área
Mapa 14	África: Rotas Comerciais – 500 a 1800	Ponto e linha
Mapa 15	África: Rotas de Peregrinação – 1300 a 1900	Ponto e linha
Mapa 16	África: Correntes Oceânicas	Linha
Mapa 17	África: Divisão Pós Conferência de Berlim – 1885	Área
Mapa 18	África: Regime Político – 1985/2015	Área
Mapa 19	África: Político	Área
Mapa 20	África: Recursos Naturais	Ponto

Fonte: Silva (2023)

7 Os mapas correspondentes a numeração de 01 a 20 estão nos anexos desta pesquisa e pertencem ao Projeto Cartografia Histórica da África, da Universidade Federal de Santa Catarina, do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia. (SILVA, 2023, p.92).

A participação dos envolvidos desempenhou um papel essencial nessa atividade. Após sua conclusão, foi realizado um diálogo com os alunos, durante o qual expressaram que enfrentaram poucas dificuldades com relação ao alfabeto cartográfico, mas demonstraram insegurança ao analisar mapas que incorporavam múltiplos modos de representação visual. No entanto, de forma geral, os alunos consideraram a atividade como interessante e atrativa. (SILVA, 2023).

Concurso de Desenhos do Mapa

O Concurso de Desenhos do Mapa representa mais uma expressão significativa em nosso estudo. Com foco nas temáticas africanas, optamos por intitulá-lo com base nos reinos e impérios africanos, reconhecendo sua relevância histórica, pois, como observado, “até 1880, cerca de 80% do território africano estava sob o governo de seus próprios monarcas, rainhas, líderes de clãs e linhagens, em impérios, reinos, comunidades e diversas entidades políticas em termos de escala e natureza” (UNESCO, 2010, p. 3).

Antes do início do concurso de desenhos de mapas, foi ministrada uma aula aos alunos, baseada no método de Bertin (2000), conhecido como Semiologia Gráfica. Este método visa aprofundar o entendimento do alfabeto cartográfico por meio da análise de variáveis visuais, que incluem dimensões do plano (x, y), tamanho, valor, gra-

nulação, cor, orientação e forma. Além disso, é essencial compreender as propriedades que se desdobram em seletivas, associativas, ordenadas e quantitativas.

O uso da metodologia “do desenho ao mapa” proposta por Almeida (2010) implementou uma atribuição relevante no auxílio dos participantes para discernir as diferenças entre um mapa e um simples desenho. Isso foi alcançado por meio da consideração de quatro fatores essenciais: localização, proporção, projeção e legenda. Importante ressaltar que todos esses elementos foram explorados tendo como base informações cartográficas da África.

No início do concurso, foi fornecida uma base contendo o contorno do mapa da África em uma folha A4, e os estudantes foram desafiados a criar uma representação gráfica da localidade designada por meio de desenhos. Em seguida, um sorteio foi conduzido para determinar qual reino ou império africano cada participante teria a responsabilidade de ilustrar. As temáticas sorteadas abrangeram o Reino do Zimbábue, o Reino do Congo, o Reino do Benin, os Iorubás, o Império do Mali, o Império Songhai, Gana, os Povos Berberes, Cartago, o Reino Egípcio, Kush e Axum. (SILVA, 2023).

Para completar a tarefa, os alunos da escola foram instruídos a seguir uma série de etapas com base no tema sorteado e usando o desenho de mapas. Eles deveriam representar graficamente a localização do reino ou império africano que lhes foi atribuído, utilizando desenhos

ilustrativos. Além disso, era necessário incluir um título e uma legenda no mapa, levando em consideração a aplicação do alfabeto cartográfico, o que implica o uso de símbolos de ponto, linha e área. Os alunos foram incentivados a expressar sua criatividade na produção dos mapas, permitindo que sua abordagem fosse original e única. Eles também tinham a responsabilidade de destacar as principais características do reino ou império africano, abrangendo aspectos físicos, sociais, econômicos, políticos e culturais. Finalmente, era fundamental apresentar a localização de forma proporcional, garantindo a precisão geográfica ao representar o território em questão. (SILVA, 2023)

A seguir, é apresentado o desfecho do concurso de desenhos do mapa intitulado “Reinos e Impérios Africanos,” realizado em colaboração com os alunos do 8º ano da instituição CEPI Dona Gercina Borges Teixeira. A imagem retratada corresponde ao mural afixado no pátio da escola, com o intuito de fomentar a interação de todos os membros da comunidade escolar. Cada indivíduo votou em dois desenhos, avaliando-os com base nos critérios de título elaborado, legenda apropriada, precisão na representação de locais e proporções, e, por último, a criatividade.

Jogo da Memória

Para familiarizar os nomes dos Reinos e Impérios africanos, foi desenvolvido um jogo da memória. O jogo foi criado utilizando o software PowerPoint e representou diversas imagens das localidades africanas correspondentes às letras de A a Z. As localidades incluídas no jogo abrangiam o Reino do Zimbábue, os Iorubás, o Reino do Congo, o Reino do Benin, o Império do Mali, o Império Songhai, Gana, Axun, os Povos Berberes, Kush, o Império Egípcio, Cartago e Axun. Os alunos foram divididos em dois grupos, um composto por meninos e o outro por meninas.

À medida que os alunos acertavam e acumulavam pontos, eram promovidas discussões e análises sobre o reino ou império correspondente à sequência do jogo. A seguir, são apresentados os *layouts* do jogo.

Figura 05: Layout da página inicial do Jogo da Memória Reinos e Impérios Africanos



Fonte: Silva, (2023)

Figura 06: Layout da página final do Jogo da Memória Reinos e Impérios Africanos



Fonte: Silva, (2023)

No encerramento desta atividade, foi realizado um debate para que as informações dos reinos e impérios pudessem ser analisadas, comparando os dados do jogo com as representações nos mapas produzidos pelos participantes durante o concurso de desenhos.

Para não concluir

É conhecido que o ensino dos conteúdos relacionados à Geografia da África ainda enfrenta desafios significativos, especialmente quando os profissionais carecem de uma formação específica e de atividades complementares que possam colaborar no processo de ensino e aprendizagem. Em nossa pesquisa, evidenciamos a viabilidade de abordar questões africanas por meio de diversas linguagens e metodologias. Nesse sentido, Ferracini e

Silva (2022) constatam que torna-se fundamental avaliar a efetiva implementação da Lei 10.639/2003 no ambiente escolar e examinar o desempenho dos professores, gestores e coordenadores, sabendo que, é responsabilidade da escola oferecer programas de formação para capacitar os educadores, seguindo as diretrizes delineadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Estudar a África no atual momento é relevante pois, “as abordagens sobre África nas aulas de Geografia é um tema essencial para entender a composição das relações étnico-raciais, a produção e formação da população do território brasileiro” (SILVA, 2023, p. 28). Além disso, “o território africano é um componente fundamental para uma compreensão mais apurada das questões que envolvem o papel da população de ascendência africana na sociedade brasileira”. (ANJOS, 2017, p. 1).

A utilização de várias linguagens e abordagens metodológicas representa ferramentas que podem contribuir significativamente para a compreensão de questões geográficas relacionadas à África. Ao abordar o mapa como um instrumento, é possível afirmar que a capacidade de ler, comparar e interpretar as informações apresentadas em cada mapa desempenha um papel fundamental na melhoria da compreensão dos alunos em relação às dinâmicas territoriais e espaciais do continente africano. (FERRACINI; SILVA, 2022).

O desenvolvimento dos jogos “Paisagens Africanas”, “Alfabeto Cartográfico” e “Memória” são atividades

que estimulam a capacidade de raciocínio dos alunos por meio dos elementos geográficos. Essas atividades são realizadas em grupos, com o objetivo de desenvolver as habilidades cognitivas dos estudantes. Ao interagirem com imagens e mapas da África, os alunos desenvolvem uma compreensão mais sólida dos aspectos espaciais e territoriais do continente. Isso implica em abordar os conteúdos de forma integrada, de modo que “as informações apresentadas sejam analisadas pelos próprios alunos, capacitando-os a decodificar informações relevantes no processo de alfabetização da África como um continente.”(FERRACINI; SILVA, 2022, p. 200).

O concurso de desenhos do mapa é uma atividade essencial a ser aplicada nas aulas de geografia, pois, leva o aluno a construir suas noções espaciais por meio de desenhos, representações pictóricas, sabendo que, a construção da legenda faz com o que o aluno pense os elementos por meio da semiologia gráfica, mesmo que de forma analógica os alunos conseguem representar os elementos por meio de diferentes variáveis visuais. Assim, Ferracini (2012, p. 178) corrobora que os instrumentos cartográficos como “mapas, figuras e tabelas, ajuda na construção de um novo olhar para o continente africano”. No entanto, é importante reconhecer que há ainda inúmeros obstáculos a serem enfrentados no âmbito da educação geográfica voltada para o ensino de Geografia da África.

Referências

ALMEIDA, R. D. DE. DO DESENHO AO MAPA: INICIAÇÃO CARTOGRÁFICA NA ESCOLA. 4. ED. SÃO PAULO: CONTEXTO, 2010.

ALMEIDA, R. D. DE; PASSINI, E. Y. O ESPAÇO GEOGRÁFICO ENSINO E REPRESENTAÇÃO. 15. ED. SÃO PAULO: CONTEXTO, 2010.

ANJOS, R. S. DOS. A GEOGRAFIA, A ÁFRICA E OS NEGROS BRASILEIROS. IN: MUNANGA, K. (ORG). SUPERANDO O RACISMO NA ESCOLA. BRASÍLIA - DF: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE, 2005.

ANJOS, R. S. DOS. AS GEOGRAFIAS OFICIAL E INVISÍVEL DO BRASIL: ALGUMAS REFERÊNCIAS. GEOUSP: ESPAÇO E TEMPO, V. 19, N. 2, P. 374–390, 2015.

ANJOS, R. S. DOS. A GEOGRAFIA DO BRASIL AFRICANO, O CONGO E A BÉLGICA – UMA APROXIMAÇÃO. GEOGRAFIAS E (IN)VISIBILIDADES: PAISAGENS, CORPOS, MEMÓRIAS, P. 349–382, 2017.

BERTIN, J. A NEOGRÁFICA. TRADUÇÃO DE JAYME ANTONIO CARDOSO. [S.L.] UFPR, 2000.

BRASIL. LEI 10.639 DE 9 DE JANEIRO DE 2003. ALTERA A LEI NO 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996, QUE ESTABELECE AS DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL, PARA INCLUIR NO CURRÍCULO OFICIAL DA REDE DE ENSINO A OBRIGA-

TORIEDADE DA TEMÁTICA “HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRA. DISPONÍVEL EM: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. ACESSO EM: 28 JUL. 2023.

BRASIL. DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA. BRASÍLIA - DF, 2004.

BRASIL. LEI 11.645 DE 10 DE MARÇO DE 2008. ALTERA A LEI NO 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996, MODIFICADA PELA LEI NO 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003, QUE ESTABELECE AS DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL, PARA INCLUIR NO CURRÍCULO OFICIAL DA REDE DE ENSINO A O. DISPONÍVEL EM: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. ACESSO EM: 28 JUL. 2023.

BRASIL. PLANO NACIONAL DE IMPLEMENTAÇÃO DAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO, DIVERSIDADE E INCLUSÃO BRASÍLIA - DF, 2013.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. BRASÍLIA, 2018.

CARVALHO, E. A. DE; ARAÚJO, P. C. LEITURAS CARTOGRÁFICAS E INTERPRETAÇÕES ESTATÍSTICAS I : GEOGRAFIA. NATAL, RN: EDUFERN, 2008.

FERRACINI, R. DIALOGANDO GEOGRAFIA ACADÊMICA E ESCOLAR: O CASO DO CONTINENTE AFRICANO. GEOTEXTOS, v. 8, n. 2, p. 12–20, 2012.

FERRACINI, R. A. L.; SILVA, M. H. P. DA. ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA : O ENSINO ANTIRRACISTA DE GEOGRAFIA DA ÁFRICA. REVISTA TAMOIOS, p. 185–201, 2022.

GUERRERO, A. L. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTOS CARTOGRÁFICOS NA GEOGRAFIA ESCOLAR. SÃO PAULO: EDIÇÕES SM, 2012.

MORAIS, J. A.; LAUREANO, J. G. V.; JUNIOR, L. N. A PRODUÇÃO DO ESPAÇO COMO PROPOSTA DE ENSINO DA HISTÓRIA DE ÁFRICA. 14º ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA POLÍTICAS, LINGUAGENS E TRAJETÓRIAS, p. 312–325, 2019.

MORAIS, J. M.; JUNIOR, L. N. CONCEITO DE REGIÃO E A PRODUÇÃO DO AFRICANO. p. 57–73, 2020.

MUNANGA, K. SUPERANDO O RACISMO NA ESCOLA / KABENGELE MUNANGA, ORGANIZADOR. 2. ED. BRASÍLIA: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE, 2005.

SANTOS, R. E. DOS. REDISCUTINDO O ENSINO DE GEOGRAFIA : TEMAS DA LEI 10.639. 2A ED. RIO DE JANEIRO: CEAP, 2009.

SHÄFFER, N. O.; KAERCHER, N. A.; GOULART, L. B.; CASTROGIOVANNI, A. C. UM GLOBO EM SUAS MÃOS : PRÁTICAS PARA A SALA DE AULA. 3. ED. PORTO ALEGRE: PENSO, 2011.

SILVA, M. H. P. DA. SUPLEMENTO CADERNOS OLHARES DOCENTES (ORG). ROSEMBERG APAERCIDO LOPES FERRACINI. ÁFRICA E AFRICANIDADES, P. 10–11, 2021.

SILVA, M. H. P. DA. A ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA COMO SUBSÍDIO AO ENSINO DE GEOGRAFIA DA ÁFRICA NO CEPI DONA GERCINA BORGES TEIXEIRA EM PORANGATU-GO. PORTO NACIONAL - TO, 2023. DISPONÍVEL EM: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/5445>.

SIMIELLI, M. E. CARTOGRAFIA E ENSINO. [S.L.] TESE DE DOUTORADO EM CIÊNCIAS HUMANAS - FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - SP, 1994.

SIMIELLI, M. E. R. CARTOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO. IN: CARLOS, ANA FANI ALESSANDRI (ORG.) A GEOGRAFIA NA SALA DE AULA. SÃO PAULO: CONTEXTO, 1999.

UNESCO. HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA VII ÁFRICA SOB DOMINAÇÃO COLONIAL, 1880-1935 / EDITADO POR ALBERT ADU BOAHEN. 2. ED. BRASÍLIA: REV, 2010.

SOBRE OS AUTORES

Adão Francisco de Oliveira

E-mail: adaofrancisco@gmail.com

Graduado em História, mestre em Sociologia, doutor e pós-doutor em Geografia. É professor da graduação e do programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Tocantins – campus de Porto Nacional. Atualmente é o presidente da ANPEGE – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia.

Carolina Machado Rocha Busch Pereira

E-mail: carolinamachado@uft.edu.br

Professora Associada do curso de Geografia (licenciatura/bacharelado) da Universidade Federal do Tocantins campus de Porto Nacional desde 2005. Possui graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (2000), mestrado em Geografia pela UNESP Presidente Prudente (2004), e doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (2013). Atualmente é coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Metodologias e Práticas de Ensino de Geografia (LEGEO) na Universidade Federal do Tocantins. É membro do Núcleo de Ensino e Pesquisa em Educação Geográfica (NEPEG) da Universidade Federal de Goiás, e, da Rede Latino-americana de Investigação em Didática da Geografia (REDLADGEO). É editora da Revista Brasileira de Educação em Geografia e membro do conselho consultivo e revisora de outros periódicos da área. Possui pesquisas nas áreas de Formação

de Professores, Educação Geográfica, e, Estudos Culturais, além de ser autora de vários artigos publicados em periódicos da área de Geografia.

Carliane Alves da Silva

E-mail: carly.silva@hotmail.com

Mestranda em Geografia pela universidade de Brasília- UnB. Especialista em Gestão em Educação Ambiental. Professora da Rede Municipal de Educação de Luziânia-GO, com ênfase nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Orcid : <https://orcid.org/0000-0003-1395-9774>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4289657494871987>

Davi Leite dos Santos

E-mail: davimx21@gmail.com

Formado em Geografia (licenciatura) pela Universidade de Brasília; atuou como extensionista em projetos universitários focados em ensinar Climatologia através das redes sociais e Geografia Física com o uso de metodologias ativas.

Gildásia Pereira da Costa Borges

E-mail: gildasia.geo@gmail.com

Possui Pós-Graduação em Gestão e Educação Ambiental pela Faculdade de Tecnologia Antônio Propício Aguiar Franco (2011) e em Educação, Pobreza e Desigualdade Social pela Universidade Federal do Tocantins (2017). Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins (2008). Atualmente é professora - Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Tocantins.

Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia. Mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins (2023).

Juanice Pereira Santos Silva

E-mail: juanice.ahss@yahoo.com.br

Doutoranda em Geografia pela Universidade de Brasília - UnB, Mestre em Geografia pela Universidade de Brasília - UnB, Graduada em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário de Brasília - UniCEUB (1997). Possui especialização em Educação Ambiental, Professora da Carreira Magistério Público da Secretaria de Estado e Educação do Distrito Federal - SEEDF, desde 1999, componente curricular Biologia. Trabalha com Educação Inclusiva no Atendimento Educacional Especializado em Sala de Recursos Generalista desde 2009. Professora bolsista (colaboradora) da Universidade Aberta do Brasil (UAB/UnB), desde 2023. Membro do Grupo de Pesquisa Inteligência Cooperativa em Redes Sociais Complexas, registrado no CNPq e coordenado pelo professor Dr. Jorge Henrique Cabral Fernandes. Membro ouvinte da Comissão de Igualdade Racial na Ordem dos Advogados Brasil Seccional do Distrito Federal subseção Gama e Santa Maria. <https://orcid.org/0000-0002-6411-0669>.

Lucas Barbosa e Souza

E-mail: lbsgeo@mail.uft.edu.br

Bacharel (1999) e licenciado (2000) em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), mestre (2003) e doutor (2006) em Geografia (Análise da Informação Espacial) pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de

Mesquita Filho” (UNESP), Campus de Rio Claro. Pós-doutorado (2018) em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor Titular da Universidade Federal do Tocantins (UFT) (ingresso em 2004), onde atua junto ao Curso de Geografia (Campus de Porto Nacional) e aos Programas de Pós-Graduação em Geografia (Campus de Porto Nacional) e em Ciências do Ambiente (Campus de Palmas). Desenvolve pesquisas nas áreas de climatologia geográfica e percepção ambiental.

Marcela Antonieta Souza da Silva

E-mail: marcelaantonietass@gmail.com

Mestranda em Ciências Políticas e licenciada em Geografia pela Universidade de Brasília, pesquisa na área de Geografia Política, Democracia e Meio Ambiente tendo como enfoque Povos Indígenas e Povos e Comunidades Tradicionais e seus territórios. Fez parte do projeto Crianças e Adolescentes de Povos e Comunidades Tradicionais (NEIJ/UNB). Fez parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Espaço e Democracia (GPEDEM - UnB) e do Projeto Utopia e Território que pertence ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) dos cursos de Filosofia e Geografia da Universidade de Brasília.

Marciléia Oliveira Bispo

E-mail: marcileia@uft.edu.br

Possui graduação em Geografia (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade do Tocantins -UNITINS (1996), mestrado (2006) e doutorado (2012) em Geografia pelo Instituto de Estudos Sócio Ambientais -Universidade Federal de Goiás IESA/UFG. É professora Associada

na Universidade Federal do Tocantins no curso de Geografia e no Programa de Pós-graduação em Geografia (mestrado) campus de Porto Nacional. Foi coordenadora Institucional do PIBID/UFT nos anos de 2015 a 2018. Atualmente é docente orientadora na Residência Pedagógica no curso de Geografia, campus Porto Nacional. Tem experiência na área de Geografia, atuando principalmente nos seguintes temas: Ensino de Geografia, educação ambiental, formação de professores, meio ambiente e representações, território e comunidades tradicionais.

Matheus Henrique Pereira da Silva

E-mail: matheushenrique05@live.com

Atualmente, exerce a função de Professor Substituto no curso de Geografia da UEG Unidade Porangatu. É membro da Comissão Local do Sistema de Avaliação de Cotas da UEG - Porangatu e do Comitê Local de Acompanhamento de Bolsas da UEG Porangatu. Doutorando em Geografia do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGeo) no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás - UFG. Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins UFT/Campus Porto Nacional. Especialista em Metodologia do Ensino e da História e da Geografia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI). Graduação em Geografia (Universidade Estadual de Goiás /UEG-UnU Porangatu - 2019). Participa dos Grupos de Estudos de Cartografia para Escolares (GECE - UFG); do Grupo de Estudos de Linguagens (UFG); do Núcleo de Ensino e Pesquisa em Educação Geográfica (NEPEG/UFG). Atuou como Chefe de Gabinete na Câmara Municipal de Porangatu-GO de 2021 a 2023. Exerceu a

função de Coordenador de Mídias e Técnico de Informação na Faculdade Líber (FacLíber) de 2021 a 2022. No período de 2019 a 2020, desempenhou o papel de professor de Geografia e História no Ensino Fundamental I e II no Instituto Líber em Porangatu, Goiás e foi coordenador do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC) em 2018.

Milena Tayamara Gomes de Sousa

E-mail: Tayamara28@gmail.com

Graduanda em Geografia pela Universidade de Brasília (UnB). Experiência na área de Geoprocessamento, com ênfase em Análise de Dados Geográficos e preenchimento de Banco de Dados. Atuação em projeto de pesquisa acerca das Redes de Drenagem do Distrito Federal (LSIE - UnB). Experiência em projeto de pesquisa (Pibic) com tema “Análise da distribuição e condições de áreas alagáveis (wetlands) do Cerrado por meio dados orbitais em nuvem” (FAP - DF). Desenvolvimento de projeto de pesquisa (Pibic) com tema “As aulas de campo no Zoológico como ferramenta de enriquecimento do processo de aprendizagem de biogeografia no 7 ano do ensino básico”.

Nascimento Marques de Miranda

E-mail: nascimentogeo@mail.uft.edu.br

Possui Licenciatura (2003) e Bacharelado (2006) em Geografia, Especialização (2008) em Educação Ambiental, Mestrado (2010) em Ciências do Ambiente e Mestrado (2023) em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. Professor PIII-Geografia da rede municipal de educação de Palmas/TO desde 2005 e com lotação atual na

Escola Municipal Jorge Amado. Desenvolve pesquisa na área de Geografia, com ênfase na educação ambiental, percepção ambiental e problemas ambientais urbanos em Geografia pela Universidade de Brasília (UnB).

Raedy Ferreira da Silva

E-mail: raedy199@gmail.com

Graduando em Geografia pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente, desenvolve trabalho acerca de recursos hídricos do Brasil junto à Agência Nacional de Águas (ANA). Experiência na área de geoprocessamento, com ênfase em banco de dados geográficos e hídricos. Atuação em projeto acerca da rede de drenagem do Distrito Federal (LSIE - UnB). Atuação em projeto de extensão sobre metodologias ativas para o ensino de geografia física.

Rafael Rodrigues da Franca

E-mail: rrfranca@unb.br

Professor Associada do curso de Geografia (licenciatura/bacharelado) da Universidade Federal do Tocantins campus de Porto Nacional desde 2005. Possui graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (2000), mestrado em Geografia pela UNESP Presidente Prudente (2004), e doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (2013). Atualmente é coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Metodologias e Práticas de Ensino de Geografia (LEGEO) na Universidade Federal do Tocantins. É membro do Núcleo de Ensino e Pesquisa em Educação Geográfica (NEPEG) da Universidade Federal de Goiás, e, da Rede Latino-americana de Investigação em Didática da Geografia (REDLADGEO). É editora da Revista

Brasileira de Educação em Geografia e membro do conselho consultivo e revisora de outros periódicos da área. Possui pesquisas nas áreas de Formação de Professores, Educação Geográfica, e, Estudos Culturais, além de ser autora de vários artigos publicados em periódicos da área de Geografia.

Roberto de Souza Santos

E-mail: robertosantos@mail.uft.edu.br

Possui formação em magistério do segundo grau com habilitação para lecionar da 1ª a 4ª série (Primário). Possui graduação em Geografia pela UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO- CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPLIS (1993), mestrado em Planejamento Urbano pela Universidade de Brasília (1999) e doutorado em GEOGRAFIA pelo Instituto de Biociências, UNESP, Rio Claro, SP (2006). Atualmente é vice coordenação de pós-graduação em geografia - PROGRAMA DE POS GRADUAÇÃO EM -GEOGRAFIA e professor de magistério superior - UNIVERSIDADE FEDERAL DE TOCANTINS. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Regional, atuando principalmente nos seguintes temas: território; latifúndio; assentamento agrário, espaço urbano, crescimento urbano, meio ambiente, sociedade-natureza, desenvolvimento regional e urbanização, segregação sócio-espacial, favelização. É revisor das seguintes revistas: Produção Acadêmica (UFT); Periódico: Boletim Goiano de Geografia (Online); Periódico: Revista do Departamento de Geografia (USP); Periódico: Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (RBEUR); Periódico: RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e So-

cidade; Periódico: NOVOS CADERNOS NAEA; Periódico: REVISTA DE EXTENSÃO DO IFTO; Periódico: SCIENTIA PLENA; Periódico: Revista Georaguaia; Periódico: Boletim Goiano de Geografia; Periódico: UNIMONTES CIENTÍFICA; Periódico: Novos Cadernos NAEA; Periódico: Revista REAMEC do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática; Revista Cerrados; REVISTA CERRADOS (UNIMONTES); PRACS: REVISTA ELETRÔNICA DE HUMANIDADES DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UM; GEONORDESTE (UFS); Revista Terra Livre; REVISTA GEOARAGUAIA; Revista de Estudo e Pesquisa em Educação; REVISTA INSTRUMENTO.

Roselir de Oliveira Nascimento

E-mail: roselir@unb.br

Possui graduação em licenciatura e bacharelado em Geografia pela Universidade de Brasília, mestrado e doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia/MG. Atualmente é professora adjunta do Departamento de Geografia e coordena o Laboratório de Geografia Física (LAGEF). Tem experiência na área de Geomorfologia e Ensino e coordena as Casas Universitárias de Cultura do DEX UnB.

Ruth Elias de Paula Laranja

E-mail: uab.ruth@gmail.com

Graduação em Licenciatura e Bacharelado em Geografia pela Universidade de Brasília. Pós-Doutorado pela Universidade de Porto- Portugal. Doutorado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2002). Atualmente é professora associada III da Universidade

de Brasília. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Física, atuando principalmente nos seguintes temas: avaliação e impacto ambiental, gestão ambiental, biogeografia, áreas degradadas, ensino de geografia e geografia da saúde.

Sâmia Mariana Araújo da Silva

E-mail: samyamariana@hotmail.com

Graduada em Licenciatura e Bacharelado pela Universidade de Brasília (UnB). Experiência na área de licenciatura da rede privada de ensino do Distrito Federal. Atuação no Projeto de Geografia Africana e Afrobrasileira (GEOAFRO). Atuação em áreas de pesquisas acerca dos portos clandestinos no Brasil (CIGA - UnB). Desenvolvimento de projeto de pesquisa (Pibic) com tema “ O Zoológico como espaço de conservação ex situ das espécies ameaçadas de extinção “ (FAP - DF). Atuação no programa de Residência Pedagógica (UnB).

Tatiana Rolim Soares Ribeiro

E-mail: tatifu@hotmail.com

Possui Mestrado (2017) e Doutorado (2023) em Gestão ambiental e territorial pelo Programa de Pós-graduação em Geografia na Universidade de Brasília, bacharelado em Ciências Ambientais na Universidade de Brasília (2014) e Licenciatura em Biologia pelo Centro Universitário Claretiano. Tem experiência como professora de Biologia na Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF) e como professora universitária voluntária no departamento de Geografia da Universidade de Brasília

(UnB), onde ministra disciplinas nesse curso e no curso de Ciências Ambientais. Atua na área de Conservação e Uso da Biodiversidade nos seguintes temas: Ecologia de estradas, Biogeografia, Avaliação de Impactos Ambientais e Conservação da Fauna silvestre. Metodologias Ativas no Ensino da Geografia